

ATLÂNTIDA

Vera Duarte

Academia cabo-verdiana de Letras
Cidade da Praia, caixa postal 441 Praia, Cabo Verde
(238) 9932076 | veraduartepina@gmail.com
telefones: +238. 2628757/+2389932076
endereço correspondência: caixa postal 441 Praia, Cabo Verde

Resumo: Será Cabo-Verde a mesma terra que há cerca de nove mil anos
pisaram os atlantes e circulará nas nossas veias o mesmo sangue que neles
circulou?

Palavras-Chave: Atlântida, Cabo-Verde, Cultura.

Abstract: Does Cape Verde the same land there are about nine thousand years
stepped the Atlanteans and circulate in our veins the same blood in them
circulated?

Keywords: Atlantis, Cape Verde Culture.

Escolhi o tema Atlântida para a minha conferência por ser um tema que sempre me fascinou. Aproveitei então o convite para aprofundar um pouco a minha reflexão.

Peço a vossa permissão para começar a minha fala lendo extractos de dois poemas que constituirão o *leit motiv*, o fio condutor da minha intervenção.

São eles a canção *Atlântis* do poeta trovador americano Donovan e o poema que abre o ciclo mítico do livro *Hespéridas* do nosso Pedro Cardoso.

A canção *Atlantis*, que acompanhou a minha juventude, diz assim:

The continent of Atlantis was an island
which lay before the great flood
in the area we now call the Atlantic Ocean.
So great an area of land, that from her western shores
those beautiful sailors journeyed
to the South and the North Americas with ease,
in their ships with painted sails.

To the East Africa was a neighbour, across a short strait of sea miles.
The great Egyptian age is but a remnant of The Atlantian culture.
The antediluvian kings colonised the world
All the Gods who play in the mythological dramas
In all legends from all lands were from fair Atlantis.
Knowing her fate, Atlantis sent out ships to all corners of the Earth.
On board were the Twelve:
The poet, the physician, the farmer, the scientist,
The magician and the other so-called Gods of our legends.

Em tradução livre podemos ler:

O continente de Atlântida era uma ilha
Que existia antes da grande inundaçã
Na área que agora chamamos de Oceano Atlântico
Tamanho pedaço de terra
A partir de cuja costa oeste
Aqueles belos marinheiros partiram
Para as Américas do Sul e do Norte com tranquilidade
Em seus navios com velas pintadas.

Para eles, a África oriental era uma vizinha
Passando um pequeno estreito de milhas marítimas
A grande era egípcia é
Apenas o que restou da cultura de Atlântida.
Os reis pré-diluvianos colonizaram o mundo
Todos os deuses que atuam em dramas mitológicos
Todas as lendas de todas as terras eram da Atlântida.

Conhecendo o seu destino
A Atlântida enviou navios para todos os cantos da Terra
A bordo estavam os Doze:
O poeta, o médico, o fazendeiro, o cientista
O mágico e os outros conhecidos como Deuses das nossas lendas

Já Pedro Cardoso começa assim o célebre poema que abre o ciclo mítico do livro “Hespérides”, que descobri mais tarde ao mergulhar nas delícias da nossa literatura:

Referem lendas antigas
Que lá nos confins do mar
As Hespérides ficavam
E o seu formoso pomar

Paraíso de Ventura
Que de encantos lá havia!
Era a terra mais donosa
Que a rosa do sol cobria

Palácios com portas de ouro
E varandas de marfim
Por toda parte se viam,
Não tinham conta nem fim.

Os muros da cidade eram
De Pórfiro e diamante;
Arder pareciam quando
Se erguia o sol no Levante

Nem Tebas, nem Babilónia
No auge dos seus esplendores
Comparar-se-lhe podiam
Em glória, fama e primores!

Tinha por defesa torres
Como jamais se verão,
E, aos jardins com pomos de ouro,
De guarda um feroz dragão.

Seus campos lantejoulantes
De Pâmpanos e trigais
E os fundos vales risonhos
De floridos laranjais

Banhavam-nos claros rios
Em áureos leitos manando,
Um manto de ouro e esmeralda
Assim a prata bordando.

Terra mais bela e donosa
Que a rosa do sol cobria,
Quem primeiro a conquistara
Por astúcia ou valentia?

Os nautas por descobri-la
Nos escolhos naufragavam
E os guerreiros por ganhá-la
Uns aos outros se matavam
(...)

Poderia prazerosamente continuar esta leitura mas a gestão do tempo obrigame a ficar por aqui.

*

O mito da Atlântida começou a ser conhecido a partir das obras de Platão “Timeu ou a Natureza” e “Crítias ou a Atlântida” e baseia-se fundamentalmente

em suposições sobre uma avançada civilização pré-histórica que desapareceu, posto que a Atlântida terá existido 9.600 anos antes de Cristo.

Tal qualmente a arca de Noé que terá resgatado os seres vivos do Dilúvio, que destruiu a civilização que o precedeu porque os homens se tornaram predadores de si mesmos e da natureza, também a Atlântida, pelos mesmos motivos, terá sido destruída por um terramoto e afundada no oceano Atlântico em um único dia e noite.

São várias as versões com que filósofos, historiados, cientista escritores e outros vêm procurando explicar o fenómeno Atlântida, desde os mais fantasiosos aos mais (pseudo) científicos.

Segundo a versão que mais me seduz a Atlântida seria “uma ilha de extrema riqueza vegetal e mineral. Não só era ilha magnificamente prolífera em depósitos de ouro, prata, cobre e ferro como ainda de oricalco um metal que brilhava como fogo.

Os reis de Atlântida construíram inúmeras pontes, canais e passagens fortificadas entre os seus cinturões de terra. Cada um protegido com muros revestidos de bronze no exterior e estanho pelo interior. Entre estes brilhavam edifícios construídos de pedras brancas, pretas e vermelhas.

Tanto a riqueza e a prosperidade do comércio, como a inexpugnável defesa das suas muralhas se tornariam imagens de marca da ilha”.

Como podem constatar esta descrição faz jus aos poemas que apresentamos e recriam o mito da Atlântida. Aliás Donovan diz que a ilha existiu antes da grande inundação, o que aparentemente remete para o Dilúvio.

Tentemos então perscrutar o que está por detrás do mito. O homem enquanto único ser vivo inteligente à face da terra, vem ao longo dos tempos questionando esta unicidade. E a resposta a esta questão tem sido encontrada em duas vertentes; Por um lado admitindo a existência de civilizações pré-históricas avançadas e por outro admitindo a existência da vida humana racional em outros planetas deste nosso universo.

Concentremo-nos então na primeira hipótese, já que a Atlântida pertence ao passado. Como podem facilmente constatar a primeira hipótese baseia-se no fundo na teoria do eterno recomeço: Quando uma civilização se torna demasiada avançada, demasiado próspera e por isso demasiado arrogante,

verifica-se a ocorrência de um acontecimento exterior e extremo que põe fim a época de prosperidade.

Vejamos por todos o exemplo do dilúvio que cobriu a terra devido a subida do nível do mar, destruindo povos e civilizações. Dele apenas escapou Noé por ser um homem bom acompanhado de seus familiares e um casal de cada espécie animal existente à face da terra. Todos na arca que Noé construiu, por inspiração divina, para sobreviver e assegurar a preservação das espécies.

A Arca de Noé é talvez o maior paradigma desta ideia mítica que explica as transformações que ao longo dos tempos vêm ocorrendo na natureza, não em bases científicas mas sim com pretensas transgressões humanas, pois o dilúvio sendo um fenómeno da natureza, foi interpretado como um castigo divino para as atrocidades que os homens vinham cometendo.

Assim se explica esta tendência humana e universal para criar lendas que fazem desaparecer da face da terra populações ou civilizações que se apuram até chegar a decadência, como Sodoma e Gomorra, os últimos dias de Pompeia, o afundamento da Atlântida ou por todos, a Arca de Noé.

A nossa explicação não passa de uma tentativa e é nessa perspectiva que a apresentamos: o ser humano nasceu do constante aperfeiçoamento do ser vivo. Este, desde a larva inicial, foi-se aperfeiçoando até atingir a fase humana e racional. O ser humano nasceu assim com vocação para a perfeição, talvez à imagem e semelhança do Deus que o criou. E este arquétipo de perfeição acompanha-o permanentemente, muitas vezes de forma inconsciente. Daí que todas as vezes que esta suposta perfeição é clamorosamente violada chega necessariamente o castigo divino para aqueles que não souberam manter-se nessa esfera.

Poderia dizer-me agora: *Quod est demonstradum*. Mas apenas posso estender a mão à palmatória e dizer: Isto é apenas uma suposição, quando muito uma intuição. Não posso demonstra-la. Quem seguir o mesmo raciocínio poderá aceitar esta tese mas obviamente também que qualquer um poderá refuta-la.

Trago-a a este fórum apenas para partilhar e se possível enriquecer.

Isto porque acredito que particularmente o mito da perda atlântida, situa-se exactamente no ponto de cruzamento de duas tendências do pensamento humano a que venho referindo:

1º - a de recusar ser sozinho no universo

2º - a de acreditar na punição divina para os excessos das civilizações.

No cruzamento destas duas tendências surgem os mitos que justificam o passado e as ficções científicas que antecipam o futuro.

No caso particular da Atlântida o mito cresceu em Cabo Verde pela ocorrência de outros factores que lhe vieram dar consistência e verosimilhança.

Proponho agora então, fazer um sobrevoo por estes possíveis factores. Antes de mais a proximidade com o continente africano. Tal como a perdida Atlântida Cabo Verde situa-se muito próximo do continente africano na área conhecida por oceano atlântico.

Pretensos vestígios são arrolados para testemunhar não só a existência da ilha como a proximidade ao continente. Deles poderia destacar três:

1º - a existência de uma estrada no norte de África situada no Marrocos que entraria mar adentro e vai dar a lugar nenhum. Esta estrada ligaria o continente à grande ilha.

2º - Cardumes de peixe que, em determinada altura do ano, emigram para lugar nenhum e ficam desorientados quando atingem a área onde supostamente estaria a Atlântida.

3º - Revoada de pássaros que também em determinada época do ano se dirigiriam a ilha mas a meio do caminho se perdem como se não tivessem encontrado o seu destino.

Para além da proximidade de Cabo Verde ao continente, também uma certa “mania de grandeza” que está na índole dos cabo-verdianos, sobretudo os nativos da ilha do Fogo, talvez por ser a ilha do vulcão, e que os leva inconscientemente a procurar uma origem ilustre para as ilhas que os viram nascer. É assim que gente que frequentou o antigo Liceu Seminário de São Nicolau e teve acesso ao estudo da cultura greco-latina, rapidamente se apropriou do mito e adaptou-o a estes dez pedaços de terra a boiar no oceano atlântico, próximo da costa africana. Veja-se sobretudo as obras *Hespéridas* do fogueense Pedro Cardoso e *Hesperitanas* do sanicolauense José Lopes, para se constatar como o mito foi belamente trabalhado a nosso favor.

José Lopes abre o seu magnífico livro de poesias, muito elucidativamente chamado de “*Hesperitanas*”, com um póstico dedicado à sua terra – as ilhas de Cabo Verde – em que diz

Filha da mais remota Antiguidade
Inspira a narrativa de Platão
E outros sábios, que a tinham por verdade
E diz ainda, de forma impressiva,

Das vastas extensões assim submersas
Então ficaram estas nossas ilhas
E as outras suas célebres irmãs
Como elas, pelo Atlântico dispersas

Esta é sem dúvida a marca e o selo deste belíssimo livro de José Lopes, que faz jus a origem de Cabo Verde, como sobrevivente da mítica Atlântida, juntamente com as suas irmãs da macaronésia, Canárias, Açores e Madeira, que formam as célebres ilhas Hesperitanas.

Dar uma origem grandiosa às ilhas compensar-nos-ia do reduzido das suas dimensões e da sua pobreza endógena. Isto é algo que está na idiosincrasia do caboverdiano, expressando-se das mais diversas maneiras.

Na altura dos célebres poemas a que vimos referindo de Pedro Cardoso e José Lopes, as ilhas vinham sendo vítimas constantes de secas, fomes e outros flagelos. O abandono colonial era tão grande que Portugal chegara a por a hipótese de venda das ilhas aos ingleses. Tanto descaso enchia de angústia o homem do arquipélago e uma das formas de reacção a esse “desprezo” foi buscar em antigas supostas glórias a compensação para um presente de abandono, de fome e de miséria. Esta é a postura que claramente se denota nos intelectuais da época como Pedro Cardoso e João Lopes à cabeça.

Mas, mais que isto, a Atlântida dá-nos um passado. Efectivamente Cabo Verde é uma nação extremamente recente e o povo caboverdiano um jovem de 550 anos. Que melhor então do que poder afirmar que nestas ilhas, há cerca de nove mil anos, viveu um povo de poetas e filósofos, de cientistas e fazendeiros, e que a luz das suas cidades se projectava a léguas de distância? Mais ainda, a um povo com tal passado só pode estar reservado um grande futuro. Um futuro de conhecimento, nos versos premonitórios de Mário Lúcio Sousa, em “Nascimento de um Mundo”.

Eu diria então que a recuperação do mito da perdida Atlântida a favor das ilhas macaronésias, mas em especial de Cabo Verde, pois o tremor de terra que terá

levado ao afundamento da ilha continente tê-la-á partido em dez pedaços que deram origem às ilhas de Cabo Verde, constitui um elo fundamental na idiossincrasia do caboverdiano. Travestido em várias formas e sentimento, ele permite que, para lá de todas as limitações, reduzidas dimensões e sentimentos ligados ao passado colonial e à escravização, o caboverdiano seja portador de uma significativa auto-estima. Um sentimento que lhe permite ombrear com todos sejam grandes ou pequenos, brancos ou pretos, desenvolvidos ou menos avançados. É a essa auto-estima que tanto nos leva a procura do conhecimento ou seja para as escolas e todos os meios de formação.

Obviamente que esta é a leitura que faço do mito na idiossincrasia do caboverdiano. A maior parte não tem sequer a consciência da existência do mito. Nem é preciso. O que realmente interessa é a forma como ele se projecta no genuíno modo de ser caboverdiano.

Cabe dizer que esta “fuga em frente” é muito gratificante para o povo caboverdiano pois o tesouro perdido da Atlântida, para lá de todas as outras riquezas, é o conhecimento.

Na verdade, e como se pode constatar na canção de Donovan, alguns teóricos sugerem que a Atlântida seria uma ilha situada no meio do Atlântico na linha da actual macaronésia e os Atlantes um povo suficientemente avançados do ponto de vista tecnológico para navegar até a África e as Américas para disseminar os seus conhecimentos.

Ora, nada mais gratificante, do que encontrar a origem das ilhas que tinha no conhecimento o seu maior tesouro, sendo certo que a ilha continente era possuidora de imensas riquezas materiais, como vimos no início.

É claro que esta domesticação, nacionalização ou apropriação do mito da Atlântida, só ocorreu porque a descrição de Platão contida nos Diálogos *Crítias* e *Timeu* não só a tornou conhecida como vem inspirando obras desde a renascença até a contemporaneidade que dão aso a tal interpretação.

Segundo a lenda o povo que habitava a Atlântida era muito mais evoluído que os outros povos da mesma época. E ao prever a destruição eminente, teria imigrado para África, sendo os antigos egípcios descendentes dos atlantes.

Terminando como comecei e segundo a canção de Donovan:

A Atlântida enviou navios para todos os cantos da terra

A bordo estavam os Doze:

O Poeta, o médico, o fazendeiro, o cientista...

Pisaremos nós, caboverdianos deste século XXI, a mesma terra que há cerca de nove mil anos pisaram os atlantes e circulará nas nossas veias o mesmo sangue que neles circulou, chegado a nós através do povo egípcio que marcou indelevelmente a história da humanidade?

Fazendo jus a temática deste congresso eu diria: a resposta está na imaginação de cada um de nós.